

David Fardilha Silva

Reportagem

PAÇOS DE BRANDÃO

2011

INSTITUTO SUPERIOR DE PAÇOS DE BRANDÃO

Reportagem

David Fardilha Silva

Trabalho de Avaliação
De Estilo e Codificação Jornalística
Professor: Dr. Fernando Casal

PAÇOS DE BRANDÃO

2011

Índice

Introdução	5
1. Reportagem: definição e géneros	6
2. Requisitos para a Reportagem.....	9
3. Estrutura ou corpo da reportagem	10
Conclusão.....	12
Bibliografia	13

Introdução

O trabalho que se segue procura, de forma sucinta e objectiva, tratar de um género jornalístico que se baseia na observação directa das ocorrências: A reportagem.

Primeiramente, apresentar-se-á a definição do conceito. Procurar-se-á, igualmente, clarificar as características da reportagem e os requisitos necessários ao seu sucesso.

1. Reportagem: definição e géneros

Além de tornar público um acontecimento de interesse social, a reportagem tem como característica promover uma abordagem mais ampla do assunto para o leitor. Segundo Lima (1995), para atender a necessidade de ampliar os factos, de colocar para o receptor a compreensão de maior alcance é que o jornalismo acabou por desenvolver a modalidade de mensagem jornalística baptizada de reportagem.

Já Lage (2001) conceitua a reportagem como “a exposição que combina interesse do assunto com o maior número possível de dados, formando um todo compreensível e abrangente.

A definição de reportagem, na maioria das vezes, é feita a partir da comparação com a notícia. Porém, a reportagem difere da notícia por apresentar uma percepção mais apurada da realidade. Esse género jornalístico permite ao profissional sair para o exterior e realizar as investigações que irão contribuir para a compreensão do tema escolhido.

De acordo com Guirado (2004, p. 1), “a reportagem, em tese, procura aprofundar um determinado tema, traduzindo, em linguagem agradável, as causas – ou supostas causas – do assunto em questão, assim como indicando o estado actual dos factos e das suas prováveis consequências”.

Cavalcanti (2006) refere que mais que apresentar os factos ao leitor, anunciá-los, a reportagem conduz o leitor a uma postura crítica, revela “ângulos insuspeitados” sobre aquilo que é narrado. Em vez de apenas informar sobre determinado facto, a reportagem permite ao leitor aprofundar e reflectir sobre as causas e consequências que levaram a tal situação. Segundo Lima (1995), a informação permite à sociedade opções de escolha, interpretação, participação das decisões democráticas e construção de novos caminhos. Dessa forma, pela reportagem, o público pode obter respostas mais aprofundadas e interpretações mais completas. Assim, permitindo um conhecimento maior ao público, é possível que este se mobilize e tente modificar as questões sociais.

Outra característica que qualifica a reportagem é o processo de produção.

“O processo da elaboração da reportagem é um processo diferente dos demais géneros jornalísticos, por isso requer habilidades especiais do repórter como sensibilidade para captar fenómenos, capacidade investigativa e competência linguística para a “transcrição” dos factos” (Guirado, 2004, p.1).

Além de uma boa elaboração do texto, para a realização da reportagem é necessário que o repórter tenha em atenção “três condições importantes: contextualização, mapeamento do tempo e identificação do tema” (Lima, 1995, p.8). Ainda é imprescindível determinar com clareza qual é o caminho a ser percorrido, ter um bom enfoque e escolher quais as personagens essenciais para contarem as experiências e expressarem opiniões sobre a questão abordada.

É importante observar, ainda, que outro aspecto que difere a reportagem como género além da notícia é a linguagem utilizada na elaboração do texto. “Considerando que a reportagem parte sempre de uma notícia (a qual nada mais é do que uma reportagem em fase embrionária), e amplia o conhecimento, desdobrando-o em factos interligados” (Lima, 1995, p.24), é importante que a transcrição das informações extrapole o mero relato e alcance uma linguagem mais elaborada para tornar o texto mais envolvente. Assim, o redactor tem a oportunidade de realizar uma investigação mais aprofundada. E a partir desta investigação a preparação do texto, também pode ser mais elaborada, fugindo a regra do lead. “Ocorre uma humanização do relato” (Cavalcanti, 2006, p.168).

Kotscho (2000) defende que em toda a matéria o homem é mais importante - e um exemplo vale mais do que mil tabelas estatísticas.

A humanização do relato como definição de reportagem, também é defendida por Sodré e Ferrari (1986) que avaliam como principais características de uma reportagem a humanização do relato, texto de natureza impressionista e objectividade dos factos narrados. Essa humanização tem a função de despertar o interesse do leitor e prender a sua atenção para o tema abordado.

Muitas vezes, a construção textual da reportagem extrapola a linguagem jornalística e acaba por adquirir alguns traços de literatura (Sodré, Ferrari, 1986, p.15). Porém, mesmo sendo uma narrativa com personagens, acção dramática e descrições de pessoas e ambientes, difere-se da literatura por apresentar um compromisso com a objectividade jornalística.

Segundo Sodré & Ferrari (1986, p.10), “trata-se de um género contíguo a outro da mesma categoria, a noticiosa, e também aquele em que o jornalista é autorizado a emitir opinião de ‘forma moderada’, o que o aproxima, mesmo que timidamente, dos géneros da esfera opinativa. Por outro lado, ao mesmo tempo em que os autores procuram identificá-la ao discurso jornalístico afirmando tratar-se de um género ‘pautado por regras objectivas’”.

Para Cavalcanti (2006, p.166), o género reportagem pode ser concebido como aquele que fica “a meio do caminho da esfera informativa e da opinativa”. Isto explicaria a dificuldade em classificar a reportagem num texto meramente informativo ou opinativo.

Tendo como referência a interpretação dos factos, a reportagem não apresenta uma conclusão final de quem a produziu. Apenas mostra a repercussão dos factos, situa num contexto, apresenta o desdobramento e aprofunda sobre as causas e consequências. Procura envolver o leitor, prender a atenção, para que ele consiga extrair conclusões a partir do texto.

“Com o objectivo de apresentar um tratamento mais extensivo a determinado assunto, a reportagem ganha o aspecto de ser uma matéria com uma abordagem mais ampla, que procura explorar um assunto em profundidade, cercando todos os seus ângulos” (Kotscho, 2000, p. 71). Desta forma, a reportagem traz consigo a capacidade de apresentar detalhes e descrições e reconstituir com realismo e rigor, um facto de extrema relevância para a sociedade. Mas, mais do que uma reconstituição, permite ao público uma leitura reflexiva para que possíveis acções sejam tomadas diante dessa questão. Portanto, o papel do repórter é retratar essa realidade de forma mais ampla – para que possa ser mudada, e não camuflada – todos os dias nos jornais.

Medina conceitua o género reportagem como “a forma de maior aprofundamento possível da informação social e, por outro lado, como aquela que responde melhor às aspirações de uma democracia contemporânea, com toda a plenitude até mesmo da utopia, o socialismo ou dentro da modernização capitalista. Pois é justamente a pluralidade de vozes e a pluralidade de significados sobre o imediato e o real que fazem com que a reportagem se torne num instrumento de expansão e instrumentação plena de democracia, uma vez que a democracia é polifónica e polissémica” (Medina in Lima, 1995, p.27).

2. Requisitos para a Reportagem

Amaral (1997) refere os seguintes requisitos para a reportagem: capacidade intelectual (o profissional tem que pôr à prova todas as suas aptidões, a fim de abordar convenientemente o tema e esgotá-lo até aos últimos limites); observação atenta (entra em jogo a capacidade de visão do repórter. A bagagem intelectual e as informações prévias sobre a questão facilitarão ao repórter discernir o que é principal e secundário durante o trabalho de campo. Agir com toda a curiosidade exigida pelo jornalismo); sensibilidade (embora influenciada pela bagagem cultural, é pessoal, íntima e não pode ser ampliada com simples regras de comportamento. Esta faculdade o repórter pode tê-la ou não); criatividade (toda a articulação e exposição do tema precisa assentar-se em bases reais, de contrário, seria uma negação do jornalismo. Impõe-se a reconstituição honesta dos factos e do clima em que se desenrolam. Por maiores que sejam a imaginação e a técnica narrativa do repórter, o seu dever fundamental é para com a verdade); narração fluente (a informação bruta transforma-se em reportagem através da narração fluente. O repórter não deve mostrar muita preocupação com a forma, mas tem que saber expor os factos de maneira a que o leitor se sinta atraído do princípio ao fim do texto.

A boa reportagem pode e deve ser o diferencial entre os meios impressos e os restantes media (internet, rádio, televisão), uma vez que possibilita descer a fundo na questão abordada.

Uma boa reportagem começa com uma boa ideia, com a intuição do repórter para encontrar factos sensacionais ou muito graves.

O início de uma grande ideia surge da percepção para entender o que está por trás de uma simples nota de coluna, de uma declaração em off, de uma frase solta numa entrevista colectiva, de uma conversa de bastidores, de um encontro sindical. Às vezes a suspeita não se confirma, mas o repórter deve estar sempre atento.

Depois da grande ideia é preciso planear bem, construir um bom roteiro, elaborar um plano de acção, partir para a pesquisa e enfrentar todo e qualquer tipo de dificuldade.

Para fazer uma boa reportagem o jornalista deve fugir dos limites da redacção e não se prender. As grandes notícias têm que ser procuradas, encontradas, conferidas, exactamente no meio do povo, na rua, nas esquinas do mundo.

3. Estrutura ou corpo da reportagem

A reportagem deve ter uma boa abertura. Ou seja, deve começar de um modo que prenda a atenção do leitor. Portanto, compete ao jornalista seleccionar para o início algo que chame de imediato a atenção e que desperte a curiosidade para que o leitor queira ler e perceber o resto da história. É por esta razão que na gíria jornalística o início das reportagens é designado por “ataque”.

Na reportagem de ‘acontecimento’, o jornalista oferece normalmente uma visão estática dos factos, como uma coisa consumada. Pode dizer-se que escreve de fora do que aconteceu, é um observador que contempla o objecto do seu relato, é particularmente útil na descrição, ou seja, nos casos em que estes se apresentam de modo simultâneo e perfeito, não acompanhando a sua evolução no tempo.

Já a reportagem de ‘acção’ permite ao jornalista oferecer um tipo de relato dinâmico dos factos, seguindo o seu ritmo próprio de evolução, como se em condições porventura reais de vivência do processo de desenvolvimento da linha temporal, modelo recomendado para o exercício da narração, o que explica a sua preponderância na massa de noticiário escrito ou audiovisual.

A reportagem de ‘citação’, ou entrevista, é geralmente entendida como uma forma de entrevista jornalística. Ou seja, uma reportagem em que se alterna a escrita de palavras do seu autor com citações textuais de personagens interrogadas, cabendo as descrições e as narrações ao jornalista autor do texto. Assumem por vezes a forma de relatos na terceira pessoa, intercaladas com citações de frases exactas de interlocutor ou interlocutores do autor.

Independentemente desta caracterização, acontece que, muitas vezes, em histórias mais envolventes e complicadas, é difícil haver apenas um estilo de reportagem. Isto é, a reportagem de citação mistura-se com a de acção e com a de acontecimento. Nessa altura, a melhor estrutura é a que mantém as chamadas “leis da alternância” que permitem construir um texto vivo e com ritmo. As leis resumem-se a: alternância de planos (primeiros planos/planos gerais); acções/reflexões; descrições/citações; imagens/história; discurso directo/discurso indirecto; frases curtas/frases mais longas.

A reportagem (peça) divide-se em três tipos, com diferentes tempos e diferentes especificidades.

- Peça/Notícia

- Pequena Reportagem trata de trabalhos mais extensos porque o assunto está na ordem do dia
- Grande Reportagem (Tópica e Intensiva): Tópica (versa determinado assunto); Intensiva (Restringe o assunto, este é abordado com profundidade).

Conclusão

Cada vez mais, pela especificidade que comporta, a reportagem conquista bastantes leitores. Tal deve-se à própria essência da reportagem que, como foi referido ao longo do trabalho, se fundamenta na penetração do(s) jornalista(s) na realidade social, pois é dela que derivam os acontecimentos notórios que se transformam em notícia(s).

Conforme foi mencionado, na reportagem é concedido ao autor a possibilidade do mesmo expressar a sua opinião, diferente do texto editorial. Uma reportagem é uma notícia mais aprofundada, que pode conter opiniões de terceiros.

Assim, amplamente influenciada pelo realismo social, a reportagem, seja ela qual for, estimula ainda mais a descoberta de novos leitores críticos, propagando novos pareceres.

O jornalismo em si forma cidadãos, torna-os pessoas críticas, responsáveis, e sensíveis, capazes de possuir uma visão diferente das coisas, perante novas realidades.

Perante o exposto, muito havia para reflectir sobre a importância da reportagem. É indubitável a influência que uma reportagem – boa reportagem – tem sobre a sociedade.

Bibliografia

CAVALCANTI, Jauranice Rodrigues (2006). No mundo dos Jornalistas: interdiscursividade, identidade, ethos e gêneros. Brasil: Universidade de Campinas.

GUIRADO, Maria Cecília (2004). Reportagem: a arte da investigação. São Paulo: Arte e Ciência.

KOTSCHO, Ricardo (2000). A prática da reportagem. São Paulo: Ática.

LIMA, Edvaldo Pereira (1995). Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. Campinas: Unicamp.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena (1986). Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística. São Paulo: Summus.